



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 3, set.-dez. 2022

A CONSTRUÇÃO NARRATIVA COMO PROBLEMA EM A *HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR



THE NARRATIVE CONSTRUCTION AS A PROBLEM IN A *HORA DA ESTRELA*, BY CLARICE LISPECTOR

Julia Rudek MACHADO
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Andréa Correa Paraiso MÜLLER
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 28/06/2022 • APROVADO EM 25/01/2023
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v11i3.310>

Resumo

A hora da estrela, último romance de Clarice Lispector, foi publicado em 1977 e configura um marco da literatura brasileira novecentista, ressignificando, através do questionamento da própria escrita, diversas inquietações já colocadas em seus outros textos. A temática social presente ao longo da obra de Lispector aparece nesse livro de maneira muito mais intensa, aliada a uma estrutura narrativa que busca refletir os problemas impostos pela modernidade. Dessa maneira, com apoio na Teoria Literária e na narratologia, bem como em estudos histórico-críticos que tratam da narrativa contemporânea e da fortuna crítica de Clarice Lispector, objetivamos, no presente artigo, analisar a construção e as diferentes vozes que ocupam o espaço narrativo do texto em foco, a fim de relacioná-lo às diversas inovações trazidas ao gênero romance durante o século XX.

Abstract

A hora da estrela, the last novel written by Clarice Lispector, was published in 1977 and is a landmark of the twentieth-century Brazilian literature, resignifying through writing itself several concerns already placed in her other texts. The social theme offered throughout Lispector's work appears in this book in a much more intense way, allied to a narrative structure that seeks to reflect the problems imposed by modernity. Thus, with support in Literary Theory and in Narratology, as well as in historical-critical materials about the contemporary narrative and Clarice Lispector's critical heritage, we aim, in this article, to analyze the construction and the different voices that occupy the narrative space of the novel in focus, in order to relate it to the various innovations brought to the text during the twentieth-century.

Entradas para indexação

Palavras-chave: *A hora da estrela*. Narrativa. Século XX. Enunciação. Narrador.

Keywords: *A hora da estrela*. Narrative. 20th century. Enunciation. Narrator.

Texto integral

Considerações iniciais

O último romance de Clarice Lispector, publicado em 1977, carrega em si questões que vinham amadurecendo no decorrer do projeto literário da escritora. Em *A hora da estrela*, somos introduzidos à história de Macabéa por meio de Rodrigo S.M., cuja dificuldade em narrar a vida da nordestina é a chave para o questionamento da linguagem presente no romance e, conseqüentemente, para a crítica social trazida em peso pela autora (BORGES, 2014).

Na década de setenta, marcada por uma grande movimentação política e cultural, as narrativas passam a ocupar lugares de questionamento da realidade social vivenciada naquele momento. O romance pós-moderno feminino, que conta com nomes como os de Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Lya Luft e Clarice Lispector, traz obras de grande experimentação estética, buscando focar na representação da voz do outro por meio da metanarratividade e da parodização (GOMES, 2010).

Quando Lispector publica seu primeiro romance, na década de quarenta, a tradição literária do país ainda seguia a estética realista-naturalista, preocupando-se com a descrição de fatos e acontecimentos reais. Assim, *Perto do coração selvagem* (1944), obra que já revela a natureza intimista da produção literária da autora, é recebida pelos críticos como uma leitura de mulheres, e sua escrita é considerada "feminina", imprecisa e, dessa forma, inferior. O romance clariceano foi visto como alienado da realidade social e do âmbito público, indo contra o que guiava aquilo que era visto como Literatura na época (PAGANINE, 2000, p. 70-71).

Dessa maneira, o amadurecimento de sua trajetória literária culmina em seu livro mais engajado, *A hora da estrela*, no qual a crítica se faz presente sem que Lispector abandone a escrita que vinha aprofundando, consciente em relação à linguagem e sua capacidade de recriar o real e o social. Nesse romance, ela realiza o que Joseana Paganine chama de "engajamento expresso, ao mesmo tempo e de

modo inseparável, no conteúdo e na forma” (PAGANINE, 2000, p. 19), procurando desestabilizar o real por meio da ficção, os discursos que promovem as desigualdades sociais por meio do discurso literário.

Mais do que simplesmente denunciar, como faziam os escritores que lhe direcionaram críticas, Lispector buscou realizar um processo de catarse social através do ato de escrever. Diversos elementos combinam-se dentro da narrativa para que isso seja possível, o que revela um engajamento sustentado também pelo poético, pelo metafórico e pelo constante trabalho com a linguagem, tanto no nível do narrador, Rodrigo S.M, como também por parte da própria autora, que atua por detrás das cortinas na tentativa de guiar seu leitor (VEIGA, 2007).

O narrador é um elemento de extrema importância para a concretização dos objetivos do romance. Rodrigo S.M. é um intelectual de classe média, homem – porque, como ele próprio diz, “escritora mulher pode lacrimejar piegas” (LISPECTOR, 1995, p. 28) -, que se propõe a escrever uma história “exterior e explícita”, “com começo, meio e ‘gran finale’ seguido de silêncio e chuva caindo”. (LISPECTOR, 1995, p. 27). Essa história, narrada em primeira pessoa, surge a partir do olhar de Rodrigo sobre uma moça nordestina em alguma rua do Rio de Janeiro, o que gera nele a necessidade de criar Macabéa.

A personagem cuja história o narrador se propõe a contar configura exatamente o seu oposto – uma jovem pobre e perdida em um mundo que engole pessoas que, como ela, não reagem (BORGES, 2014). Macabéa não tem voz, porque nunca lhe deram, e nem ao menos sabe quem é. Com isso, a tarefa de narrar sua vida torna-se muito difícil para Rodrigo, que não consegue apreender uma personagem tão distante de si e de sua realidade. Entretanto, essa tarefa é, para ele, uma necessidade, visto que ele se sente responsável pela situação da jovem:

Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional – e preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela. Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura. Estarei lidando com fatos como se fossem as irremediáveis pedras de que falei. (LISPECTOR, 1995, p. 31)

Daniela Spinelli, em artigo intitulado “A posição do narrador, Rodrigo S.M., em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector”, afirma que “o ato de narrar constitui um princípio existencial, uma vez que figura os limites e os alcances do sujeito moderno ou do mundo degradado.” (SPINELLI, 2008, p. 4). Da mesma forma, a tentativa de apreensão de Macabéa é também um desejo do narrador de afirmar-se como escritor, recuperando seu êxito literário. Assim, esse é o ponto a partir do qual Lispector constrói sua crítica, direcionada tanto à injustiça social quanto à maneira de representar essa injustiça por meio da Literatura. Para isso, ela questiona em *A hora da estrela* até onde Rodrigo S.M. é capaz de descrever por meio da linguagem seu outro de classe, a nordestina pobre e iletrada, sem suprimi-lo (GIL, 2017).

Dessa maneira, o romance de Lispector demonstra que a forma do texto não pode ser apenas um suporte material e técnico para a obra, uma vez que não existe exatidão nem neutralidade na palavra. Assim reflete Paganine:

como apreender literariamente o sofrimento do outro, sem com isso resvalar no mero exercício estético? Como falar da dor sem falsear a verdade do outro, “embelezando-a” ou reduzindo-a, em sua amplitude, a um mero apelo sentimentalista? É possível engajar a literatura em um contexto histórico e político sem abrir mão da reflexão sobre a linguagem — sua matéria constitutiva por excelência? (PAGANINE, 2000, p. 124)

Em *A hora da estrela*, coloca-se em discussão quais as possibilidades e os impasses do ato de escrever, fator característico do romance contemporâneo. Com isso, para que possamos perceber os detalhes dessa construção narrativa e compreender quais artifícios literários foram utilizados pela autora para que sua crítica e engajamento fossem realizados, é importante que seja feita uma análise das minúcias do romance, tanto em seu conteúdo como também em sua forma literária.

A narrativa em suas nuances

Regina Dalcastagnè, no artigo “Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambigüidades do discurso”, discute sobre a ampliação do espaço do narrador e das personagens dentro da narrativa do século XX, em decorrência de um destaque muito maior que vinha sendo dado ao discurso em si. Em determinado momento, ela questiona: “O que seria a narrativa, qualquer narrativa, senão uma tentativa de resgatar a coerência do mundo, ainda que expressando-o por meio do caos?” (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 126). A Literatura, dessa maneira, passa a revelar a angústia do escritor frente à inconclusão e à fragmentação do mundo moderno, o que abre espaço nos romances para questionamentos, monólogos interiores e a sobreposição de diferentes pontos de vista.

Em *A hora da estrela*, Lispector objetivou dar visibilidade a diversas violências sofridas na época, representando-as no romance. Para isso, ela faz uso de um processo metaficcional, ou seja, “a representação dentro da representação, a ficção dentro da ficção.” (GIL, 2017, p.112), no qual o narrador, guiado pela dificuldade em apreender Macabéa e pelo desejo de promover-se como escritor por meio de sua narração, acaba por mesclar à história da nordestina, sua própria história, pensamentos e reflexões, ferramentas que, ainda segundo Gil, servem para rebaixar e limitar as possibilidades da jovem.

Assim, Rodrigo S.M. interpela seu narratário, ou seja, seu “leitor”, nos momentos em que pretende convencê-lo de que Macabéa tem culpa por não se fazer entender. É possível observarmos uma enorme perturbação do narrador, que fica o tempo todo dividido entre assumir a culpa para si e jogá-la nas costas da nordestina, frustrado por não conseguir compreender seus motivos. Isso fica visível também em alguns dos outros títulos do romance, como “A culpa é minha” e “Ela que se arranje”, ou “Ela não sabe gritar” e “Eu não posso fazer nada”, que apresentam ideias opostas e refletem o dilema no qual Rodrigo se insere. A descoberta de Macabéa é, para ele, um peso: “A moça é uma verdade da qual eu não queria nem saber. Não sei a quem acusar mas deve haver um réu.” (LISPECTOR, 1995, p. 55).

Vincent Jouve (2002), no livro *A leitura*, comenta sobre as diretivas internas de um texto, que são válidas para qualquer leitor e servem como um guia de leitura, construído propositalmente pelo autor a fim de orientar quem lê, se houver acordo, pelos caminhos mais coerentes. Como afirma Regina Dalcastagnè, “tudo já está escrito, programado, e mesmo o que parece descontrole, tumulto na narrativa, não passa de meticulosa arquitetura literária.” (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 125). Dessa forma, cabe ao leitor decidir se irá seguir ou não os percursos sugeridos pelo texto.

Ampliando o conceito de narratário, Jouve traz as noções de “leitor implícito”, de Iser, “leitor modelo”, de Eco e “leitor abstrato”, de Lintvelt, que designam o leitor postulado pelo texto, capaz de compreender suas entrelinhas e os artifícios do narrador. Ele afirma:

Os leitores implícitos, abstrato e modelo, além de suas diferenças, comprovam o mesmo princípio: a inscrição objetiva do destinatário no próprio corpo do texto. Simples imagens de leitor postuladas pela narrativa ou receptores ativos que colaboram no desenvolvimento da história, esses leitores se baseiam na ideia de que, estruturalmente, existe em qualquer texto um papel proposto para o leitor. (JOUVE, 2002, p. 47)

Para auxiliar no entendimento real do romance, Lispector projeta nele um leitor implícito que, sendo diferente do interlocutor de Rodrigo S.M., questiona aquilo que ele afirma a respeito de Macabéa. Como afirma Márcia Pereira da Veiga, “não apenas foi criada a possibilidade de fazer uma leitura além do que está escrito, foi criado um leitor implícito diferente do interlocutor com que o narrador Rodrigo S.M. se lastimará durante a narrativa: um leitor irônico” (VEIGA, 2007, p. 36), sendo o leitor irônico de Veiga o leitor-modelo estabelecido por Lispector, capaz de questionar o que está sendo dito. Do mesmo modo, ela assume o papel de um autor implícito por trás do narrador, dando a nós, leitores reais, pistas de como assumir o papel que o texto nos propõe.

As pistas nos são dadas por Lispector através do estabelecimento de um pacto ficcional, colocado por ela, de maneira extremamente perspicaz, logo na Dedicatória do autor. Por meio da ironia e da dupla assinatura contida em “na verdade, Clarice Lispector” (LISPECTOR, 1995, p. 21), que segue a palavra “autor”, no masculino, a verdadeira autora institui-se, desmascarando a soberba de Rodrigo S.M. e colocando-o no lugar de personagem, juntamente com Macabéa, Olímpico e Glória.

Dessa maneira, é exposta a vulnerabilidade do narrador frente àquilo que acomete as personagens do romance. Objeto da crítica social realizada em *A hora da estrela*, a modernidade recém instaurada no Brasil também afeta Rodrigo S.M., envolto pelo jogo de alienação do Brasil moderno. A superficialidade cultural oferecida pela época impede que Rodrigo compreenda mais profundamente a realidade de Macabéa; como afirma Spinelli, “tudo vale para Rodrigo S.M. Por isso, será, para ele, uma tarefa impossível saber por que Macabéa não reage.” (SPINELLI, 2008, p. 9).

A influência da Indústria Cultural nas personagens fica notória com a presença da Rádio Relógio, que Macabéa ligava todas as madrugadas para ouvir

anúncios comerciais e “curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse precisar saber” (LISPECTOR, 1995, p. 53). Além disso, ela costumava colecionar anúncios que recortava de jornais, sobre cremes para pele de “mulheres que simplesmente não eram ela” (LISPECTOR, 1995, p. 54), e, uma vez por mês, ia ao cinema, pintando as unhas de vermelho. Suas colegas de quarto, as Marias, eram balconistas das Lojas Americanas.

O mesmo ocorre com o nordestino Olímpico de Jesus, cujo maior objetivo é tornar-se deputado no Rio de Janeiro e mudar de vida, e Glória, colega de Macabéa, que segue perfeitamente os moldes da vida moderna e, com isso, acaba anulando sua individualidade. É Glória quem ameniza os impulsos, anseios e vontades de Macabéa, como que em uma tentativa de encaixá-la em um mundo do qual não ela consegue fazer parte: “Ela sabia o que era o desejo – embora não soubesse que sabia. [...] Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar.” (LISPECTOR, 1995, p. 61).

Falta a ela o conhecimento sobre si mesma, “o jeito de se ajeitar” (LISPECTOR, 1995, p. 39), como afirma o narrador, pois era “incompetente para a vida” (LISPECTOR, 1995, p. 39). É dessa forma que Rodrigo S.M. a apresenta para nós: obediente, que não questiona nada e aceita os rumos que sua vida toma. Em raros momentos do romance, no entanto, ela desfruta de uma felicidade genuína, compreendendo o significado desse sentimento e mostrando-se como uma personagem profundamente humanizada:

Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. [...] Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruí de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. (LISPECTOR, 1995, p. 57-58)

Em razão de não ter espaço para inquietações ou questionamentos, Macabéa também não apresenta momentos de fala autêntica no texto. Os monólogos interiores e o fluxo de consciência são características muito presentes no romance do século XX, pois reforçam a originalidade e a autenticidade que esse tipo de narrativa busca compor. Nos casos de fala autêntica, o narrador permite que a personagem se coloque em primeira pessoa no exato momento de uma reflexão, para expressá-la o mais verdadeiramente possível, sem avisos.

No entanto, para isso é necessário que o narrador esteja próximo o suficiente dessa personagem, ciente de seus pensamentos. Em *A hora da estrela*, um dos motivos que impedem Macabéa de manifestar-se autenticamente é o afastamento de Rodrigo S. M., que não consegue alcançá-la por estarem em posições diferentes. Além disso, a nordestina não tem conhecimento sobre si mesma, o que colabora para que ela também não tenha voz.

A distância entre narrador e personagem é reflexo dos antagonismos de classe representados no romance, que busca denunciar as problemáticas da representação do *outro*. Rodrigo S.M. e Macabéa, embora inseridos em um mesmo contexto de modernização das estruturas do país, situam-se em lugares sociais

completamente diferentes, gerando um conflito e o dilema de classes no qual se encontra o narrador. Dessa forma, expondo a tentativa de um intelectual aburguesado de contar a história do *outro*, Lispector coloca em questão “a dúvida sobre a possibilidade (ou a impossibilidade) de saber, portanto, narrar o que Macabéa é ou pensa” (BORGES, 2014, p. 35), apontando a intromissão autoral que ocorria nas narrativas da época.

Assim, é unindo a forma literária à matéria social que a autora expõe a realidade do confronto com o outro, lidando, como afirma Borges, com incômodos para os quais a forma do texto contemporâneo adequou-se perfeitamente. Dessa maneira, fica clara a impossibilidade de separar qualquer narrativa da realidade na qual se insere, além da grande capacidade que a arquitetura de um discurso ficcional tem na construção de sentido dentro da obra. Segundo Regina Dalcastagnè:

Ao reafirmar que o contexto social gera e alimenta as diferentes formas de expressão artística, nunca é demais lembrar que este não é um caminho de mão única – a arte continua legitimando, em maior ou menor escala, comportamentos, valores, sentimentos. Por isso, é impossível entender as transformações estéticas de nossa literatura sem ao menos uma breve mirada em torno. (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 127)

Ao final do romance, Macabéa é atropelada pelo progresso que foi incapaz de acompanhar, não podendo adaptar-se “numa cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1995, p. 29). Por meio dela e de Olímpico de Jesus, perdidos em um universo de consumo e de cultura de massa sem conseguirem fazer, de fato, parte desse mundo, Lispector procura desvelar ao leitor a exclusão e a opressão que resultam da desigualdade social, frente às promessas que foram feitas pela modernidade brasileira e que não se cumpriram para nenhum dos dois.

É essa a maior crítica realizada em *A hora da estrela*, fundamentada por meio do impasse de um narrador que não sabe posicionar-se frente à passividade de sua personagem. Nisso encontra-se, segundo Borges, a chave do romance: “a radicalização do confronto com o outro – estranho, excluído –, uma vez que os antagonismos de classe não somente impulsionam a matéria temática, como constituem amplamente a própria enunciação.” (BORGES, 2014, p. 17).

As mudanças estruturais da narrativa novecentista

A concepção de romance que foi se construindo ao longo do século XX, principalmente em sua segunda metade, é fruto de diversas inovações trazidas ao campo literário durante esse período. No caminho de um repensar da forma clássica de narrativa, que não supria as novas necessidades do mundo, os autores novecentistas passam a produzir textos mais críticos e conscientes da impossibilidade de se definir uma só verdade ou um só sentido para as coisas.

A literatura contemporânea, segundo Dalcastagnè (2001), empenha-se na discussão de si própria, mostrando, na verdade, aquilo que foge do controle, as incertezas, atropelos e os diferentes pontos de vista sobre uma mesma coisa. Essa maneira de escrever abre à literatura mais do que somente uma única

possibilidade, tornando-se viável o pensar a respeito de diferentes realidades e discursos em disputa. Como afirma Vincent Jouve (2006) em “Les métamorphoses de la lecture narrative”, o narrar contemporâneo, tomado pela percepção do social na linguagem, amplia o olhar investigativo aplicado pelo leitor na obra que lê, sendo a suspeita característica fortemente presente nesse tipo de romance.

Em contraponto, a narrativa do século XIX é marcada por um nível muito maior de legibilidade, considerando a presença frequente de um narrador onisciente e completamente externo à obra. Na narração clássica, ainda segundo Jouve, notações subjetivas são evitadas, o que resulta em uma história estável e que é, geralmente, contada de forma literal.

Assim, o texto clássico não se adequa à visão de mundo presente no romance contemporâneo, o que levou os autores deste a modificarem diversos elementos da narrativa para poderem melhor expressar os sentimentos e as angústias de sua época. Dessa maneira, a progressão linear é substituída por variações e analogias temporais, a coerência cede lugar à multiplicidade de possibilidades e o discurso, antes vindo de um narrador onisciente que sabia todas as coisas, “podendo sem problema estar em todos os lugares e dominar o tempo” (REUTER, 2011, p. 76), passa a ser mais explorado em suas particularidades, desdobrando-se em análises, comentários e questionamentos acerca do próprio fazer literário.

Diferentes vozes passam a dividir e a disputar o espaço narrativo, uma vez que a autoridade antes fornecida ao narrador se torna, agora, objeto de dúvida, sendo a narração reflexo da parcialidade da própria linguagem. Com isso, a recém observada natureza social presente no discurso serve como ferramenta para a representação da inconclusão e das incertezas que marcam o século XX, ampliando as possibilidades do texto.

Assim, o narrador ressalta-se por interferir na narrativa, necessitando expor cada vez mais sua posição. Isso abre os olhos do leitor para que este suspeite da intermediação presente no romance, que é, na verdade, somente uma perspectiva dentro de diversas outras existentes. As várias vozes que ocupam o espaço da narrativa, com ou sem prestígio, com menos ou com mais poder, são, dessa forma, capazes de silenciarem umas às outras, como ocorre entre Rodrigo S.M. e sua personagem Macabéa.

Consideramos Rodrigo S.M., dessa forma, como sendo um narrador pós-moderno, aquele que, segundo Silviano Santiago, “sabe que o ‘real’ e o ‘autêntico’ são construções de linguagem” (SANTIAGO, 2002, p. 47). Muitas das características aqui postas para descrever o romance de Lispector são utilizadas por Coutinho (2005), citado por Antônio Donizeti Pires no artigo “O romance pós-moderno feminino”, como recursos da arte pós-moderna: a metanarratividade, a parodização e a multiplicidade de vozes, por exemplo.

Na obra aqui estudada, como já foi visto, uma das maiores questões é a impossibilidade da linguagem como forma de representação. Dessa maneira, se a narrativa pós-moderna “existe para falar da pobreza da experiência [...] mas também da pobreza da palavra escrita enquanto processo de comunicação” (SANTIAGO, 2002, p. 56.), é justamente nela que *A hora da estrela* e seu narrador encaixam-se; em uma forma de arte que surge da sociedade moderna e urbana e,

no Brasil, passa pelos movimentos políticos desencadeados nas décadas de sessenta e setenta.

A década de 1970 produz romances que, da mesma maneira que *A hora da estrela*, encontram no discurso meios para representar e denunciar o mundo caótico no qual se inseriam. Isso está relacionado à ruptura da ideia de que tudo que acompanha o processo de modernização favoreceu o desenvolvimento do país, em um momento de tomada de consciência por parte dos escritores de que, na verdade, esse processo só o tornou mais subdesenvolvido. Como afirma Pires:

O período compreendido entre 1964 e 1985, se foi marcado, a princípio, por certa cultura da derrota, viu florescer, entre 1975 e 1985, uma pletera de romances que, calcados no chão sangrento da realidade nacional, testemunhou as complexas transformações por que passou o Brasil de então. (PIRES, 2008, p. 57)

A partir disso, autores como Clarice Lispector, Raduan Nassar, Osman Lins, entre muitos outros, procuraram, cada qual utilizando de técnicas diferentes, expressar suas inquietações frente aos problemas que assombravam o país, trabalhando com os elementos da narrativa de modo a provocá-las também no leitor. O leitor, ao preencher as lacunas do texto contemporâneo, que são essenciais, ganha uma importância muito maior na concretização dessas obras.

A narrativa da segunda metade do século XX é, desse modo, reflexo de um sistema de valores fragmentado, no qual nada mais é fonte de certeza. Em consequência disso, as personagens de romances como *A hora da estrela*, incluindo o narrador, são marcadas por perturbações e atropelos, vítimas da dúvida que surge com o questionamento das verdades da época. Assim, passa-se a buscar por uma técnica que possa exprimir no texto ficcional um posicionamento com relação a essa dúvida, na tentativa de encontrar respostas.

Dessa forma, a narrativa pós-moderna, diferentemente do texto clássico, desafia todos os pressupostos da narrativa e da Literatura no geral, utilizando da própria linguagem para gerar provocações e buscar uma reorganização. A transformação de acontecimentos reais e de temas sociais e políticos em ficção, dando-lhes, como afirma Silviano Santiago (2002, p. 44), autenticidade, sempre foi de enorme relevância nas tentativas do ser humano de compreender seu entorno, e isso não seria diferente em momentos de crise. Esse é, afinal, um dos papéis da arte.

Considerações finais

Com base em tudo que foi apresentado ao longo deste trabalho, concluímos que *A hora da estrela*, publicado em meio a turbulências de ordem política e social que marcaram a década de 1970 no Brasil, integra o romance pós-moderno ao trazer diversas inovações estéticas ao campo narrativo, promovendo questionamentos a partir da figura do narrador e da própria criação artística. Rodrigo S.M., elemento central da obra, figura a problemática do alcance do outro através da linguagem, inserido em um dilema de classe ao tentar narrar a história de Macabéa.

Sobre a imparcialidade da escrita, Silviano Santiago diz que o narrador, “ao dar fala ao outro, acaba também por dar fala a si, só que de maneira indireta.” (SANTIAGO, 2002, p. 50). Dessa maneira, Clarice Lispector aborda questões como a intromissão autoral e o pretexto desse tipo de narração para a autoafirmação de certos autores, que observam a miséria sem (querer) entendê-la realmente.

Assim, por meio da resignificação da narrativa, ocorrida ao longo do século XX, o romance de Lispector segue sua tradição literária e dá ao texto um valor maior do que de simples veículo comunicativo, denunciando as violências que atingiam e ainda atingem as Macabéas, Olímpicos e Glórias do Brasil moderno. O desvio da narrativa tradicional gera, dessa forma, um romance autorreflexivo, crítico e consciente, que cumpre bem os desafios propostos à obra literária novecentista.

Referências

BORGES, Tânia Cristina Souza. “A culpa é minha” ou “A hora da estrela”? : uma análise do romance A hora da estrela de Clarice Lispector. 2014. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambigüidades do discurso. *Diálogos Latinoamericanos*, Aarhus, n. 3, p. 114-130, 2001. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16200305>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

GIL, Fernando Cerisara. A metalinguagem como posição de classe da linguagem em *A hora da estrela*. *Antares*, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, p. 109-126, 2017. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/5530>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

GOMES, Carlos Magno. O romance pós-moderno feminino. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, n. 5, v. 10, p. 45-53, 2010.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

JOUVE, Vincent. Les métamorphoses de la lecture narrative. *Protée*, v. 34, n. 2-3, p. 153-161, 2006. Disponível em: <<https://www.erudit.org/en/journals/pr/2006-v34-n2-3-pr1451/014273ar/>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 23 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

PAGANINE, Joseana. *O engajamento poético: linguagem e resistência (A hora da estrela, de Clarice Lispector, e a literatura engajada brasileira pós-64)*. 2000. 154 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/36775>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

PIRES, Antônio Donizeti. Trilhas do romance brasileiro da segunda metade do século XX. *Itinerários*, Araraquara, v. 7, p. 47-64, 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5619229>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

RABELO, Sebastião Augusto. O narrador: do tradicional ao moderno. *Via Litterae*, Anápolis, v. 1, n. 1, p. 240-255, 2009.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. 3 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SPINELLI, Daniela. A construção da forma n'A *Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/14853>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

SPINELLI, Daniela. A posição do narrador, Rodrigo S.M., em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. *FronteiraZ*, São Paulo, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12614>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

VEIGA, Márcia Pereira da. A ironia pragmática em *A hora da estrela*. *Revista de Letras*, Fortaleza, n. 29, p. 33-41, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2339>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

Para citar este artigo

MACHADO, Julia Rudek; MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. A construção narrativa como problema em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 3, p. 894-904, set.-dez. 2022.

As autoras

Julia Rudek Machado é graduanda do curso de Letras - Português/Francês pela UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa), com interesse nas áreas de Literatura e Teoria Literária. E-mail: juliarmchd@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9122-9980>

Andréa Correa Paraiso Müller é doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Professora efetiva de Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa da UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa). E-mail: andreaparisomuller@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3106-3616>